

**A AVALIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME TU
EM FLORIANÓPOLIS**

*THE EVALUATION OF VERBAL AGREEMENT WITH PRONOUN TU
IN FLORIANOPOLIS*

Christiane Maria Nunes de Souza

Professora Substituta no Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
souzacmn@gmail.com

Raquel Gomes Chaves

Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa Catarina/CAPES
quelgchaves@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001, 2010), buscamos indícios de como o fenômeno variável de concordância verbal com o pronome *tu* (*tu/Ø falas ~ tu/Ø fala, tu/Ø falaste ~ tu/Ø falasse ~ tu/Ø falou*) é avaliado na cidade de Florianópolis. Com essa finalidade, aplicamos um teste de avaliação a 22 alunos do curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os resultados evidenciam uma correlação entre a diminuição das taxas percentuais de concordância verificada em Florianópolis (LOREGIAN-PENKAL, 2004; DAVET, 2013) e uma avaliação *positiva/neutra* da não marcação da concordância.

PALAVRAS-CHAVE: Concordância verbal de P2. Avaliação. Florianópolis.

ABSTRACT: *In this paper, based on the Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 2001, 2010), we search for evidences of how the variable phenomenon of verbal agreement with tu (tu/Ø falas ~ tu/Ø fala, tu/Ø falaste ~ tu/Ø falasse ~ tu/Ø falou) is evaluated in Florianopolis. With this aim in view, we applied an evaluation test to 22 Economy students from Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Results indicate a correlation between the decrease in verbal agreement rates verified in Florianopolis (LOREGIAN-PENKAL, 2004; DAVET, 2013) and a positive/neutral evaluation of the absence of verbal agreement mark.*

KEYWORDS: P2 Verbal agreement. Evaluation. Florianopolis.

INTRODUÇÃO

A concordância verbal com o pronome *tu* na cidade de Florianópolis (SC) tem sido um tema explorado em algumas pesquisas sociolinguísticas, dentre as quais se podem destacar a de Loregian-Penkall (2004) e a de Davet (2013). É possível que a motivação desses estudos resida no fato de a localidade preservar a marca de concordância com a segunda pessoa (P2), não apenas em sua forma canônica (*tu/Ø fala_s, tu/Ø fala_{ste}*), mas também, e especialmente, em sua forma canônica modificada ou assimilada (*tu/Ø fala_{sse}*). É comum que a concordância verbal (CV), além de ser analisada como variável dependente em determinados trabalhos, seja também controlada como um grupo de fatores em estudos cujo objeto é a variação entre os pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* – é o caso das pesquisas de Nunes de Souza (2011) e Rocha (2012) –, o que soma informações à descrição do fenômeno de concordância. Muitos atribuem a resistência da desinência verbal à colonização açoriana, ocorrida no século XVIII (cf. FURLAN, 1989; LOREGIAN-PENKALL, 2004; DAVET, 2013), e outros ainda destacam o isolamento da ilha como um dos fatores que contribuíram para a manutenção de determinadas marcas linguísticas (cf. NUNES DE SOUZA, 2011).

Os resultados dos estudos que, de algum modo, observaram a concordância verbal com o pronome *tu* em Florianópolis têm apontado para um decréscimo nos índices de manutenção da marca verbal. A hipótese que aventamos para explicar esse comportamento consiste em uma avaliação, se não *positiva*, ao menos *neutra*, da ausência da marca. Partindo dessa hipótese, objetivamos, neste estudo¹, primeiramente retomar os resultados de trabalhos anteriores a fim de traçar um quadro descritivo da variável para, em seguida, apresentar resultados referentes a testes de avaliação que aplicamos a estudantes de Florianópolis. Assim, esperamos comparar o uso à avaliação da concordância verbal com o pronome *tu*.

A base teórica deste estudo é a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 2001, 2010), que entende a língua como um sistema heterogêneo, passível de variação e de mudança. O foco de nossa atenção recai, especificamente, sobre o problema empírico da *avaliação* (*Evaluation problem*, cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1982, 1994, 2010), que, em seu aspecto extralinguístico, está relacionado à atitude dos falantes frente às formas linguísticas em uso.

O texto está organizado como segue: na primeira seção, retomamos resultados de pesquisas que lidaram com a concordância verbal de segunda pessoa em Florianópolis tanto como variável dependente quanto como grupo de fatores; em seguida, apresentamos a metodologia utilizada na elaboração, aplicação e análise dos testes que foram respondidos por informantes moradores da cidade; na terceira seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com os testes; por fim, tecemos algumas considerações acerca deste estudo.

2 UM PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE CV DE P2 EM FLORIANÓPOLIS

Alguns trabalhos se dedicaram à análise da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis, utilizando diferentes *corpora*. A revisão que fazemos aqui abarca resultados de estudos que levaram em conta amostras de zonas mais e menos urbanas da capital catarinense, realizados com dados sincrônicos e diacrônicos, tanto com *corpus* de fala como com

¹ Agradecemos a leitura e as sugestões dos pareceristas desta revista. A manutenção de determinadas opções, tanto em termos de forma quanto em termos de conteúdo, é de inteira responsabilidade das autoras.

corpus de escrita. Essa variedade em termos de metodologia nos proporcionou informações suficientes para esboçar uma síntese a respeito da situação da variável que objetivamos analisar.

O estudo de Loregian (1996), pioneiro na investigação desse fenômeno, considerou um *corpus* formado por 72 entrevistas, sendo 24 da amostra-base do VARSUL² de Florianópolis, 12 da amostra de jovens do VARSUL de Florianópolis³, 12 da amostra Brescancini⁴ (que compreende o bairro florianopolitano Ribeirão da Ilha) e 24 entrevistas da amostra-base do VARSUL de Porto Alegre. No que diz respeito aos resultados referentes às zonas urbanas da capital catarinense (amostra-base e amostra de jovens do VARSUL), a presença da marca verbal de concordância foi verificada em 371 (40%) das 935 ocorrências com o pronome-sujeito *tu*. Já no bairro do Ribeirão da Ilha, considerado zona não urbana, dos 425 dados com o pronome *tu*, 240 (57%) apresentaram a marca de concordância verbal. Nota-se, através desses números, um maior índice de concordância na área não urbana de Florianópolis.

No trabalho de 2004, Loregian-Penkall reanalisa a variável ‘concordância verbal de P2’ em dados das quatro cidades catarinenses e das quatro cidades gaúchas que integram a amostra-base do VARSUL e, novamente, em dados da amostra Brescancini. Seguindo a tendência apontada em seu estudo anterior, a autora registrou, nas entrevistas da amostra-base do VARSUL de Florianópolis, do total de 585 dados, 251 (43%) com marcação explícita de concordância no verbo, e, nas entrevistas da amostra Brescancini, do total de 445 ocorrências, 268 (60%) com marcação explícita.

Rocha (2012), por sua vez, com base na investigação de 28 entrevistas pertencentes à amostra-base do VARSUL, à amostra Monguilhott⁵ e à amostra Floripa⁶, analisa como variável dependente a ‘expressão pronominal de segunda pessoa do singular (*tu/você*)’ e, dentre os grupos de fatores, a variável ‘concordância verbal de P2’. Seu estudo revela números diferentes daqueles verificados por Loregian (1996) e Loregian-Penkall (2004): dos 440 dados com sujeito *tu*, apenas 19,4% apresentaram marcação de concordância no verbo – um índice percentual bastante inferior aos registrados anteriormente, portanto.

O estudo conduzido por Davet (2013), o qual considerou 31 entrevistas componentes da amostra Monguilhott e da amostra Floripa, também apontou para a mesma direção indicada por Rocha (2012). Em 812 ocorrências com pronome-sujeito *tu*, somente 112 (14%) se deram com a marca de concordância verbal. Um diferencial desse estudo foi desmembrar a variante *presença*

² A amostra-base do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) foi a primeira amostra formada nesse núcleo de pesquisa e consiste de 288 entrevistas realizadas em zonas urbanas dos três estados da Região Sul na década de 1990. Em cada estado, foram escolhidas quatro cidades (a capital e outras três localidades que apresentassem diferentes colonizações) e foram realizadas 24 entrevistas em cada uma delas. As amostras relativas a cada localidade estão igualmente distribuídas entre dois sexos, duas faixas etárias (entre 25 e 50 anos e acima de 50 anos) e três níveis de escolaridade (quatro, oito e 11 anos de escolarização).

³ A amostra de jovens do VARSUL de Florianópolis é formada por 12 entrevistas realizadas com sujeitos de 15 a 24 anos em zonas urbanas da capital catarinense. Essa amostra também foi coletada na década de 1990 e está dividida por sexo e escolaridade da mesma forma que a amostra-base do VARSUL.

⁴ A amostra Brescancini compreende 12 entrevistas realizadas na década de 1990 no bairro florianopolitano Ribeirão da Ilha. Os informantes dessa amostra estão divididos por sexo e escolaridade seguindo o modelo da amostra-base do VARSUL, mas não estão estratificados por faixa etária.

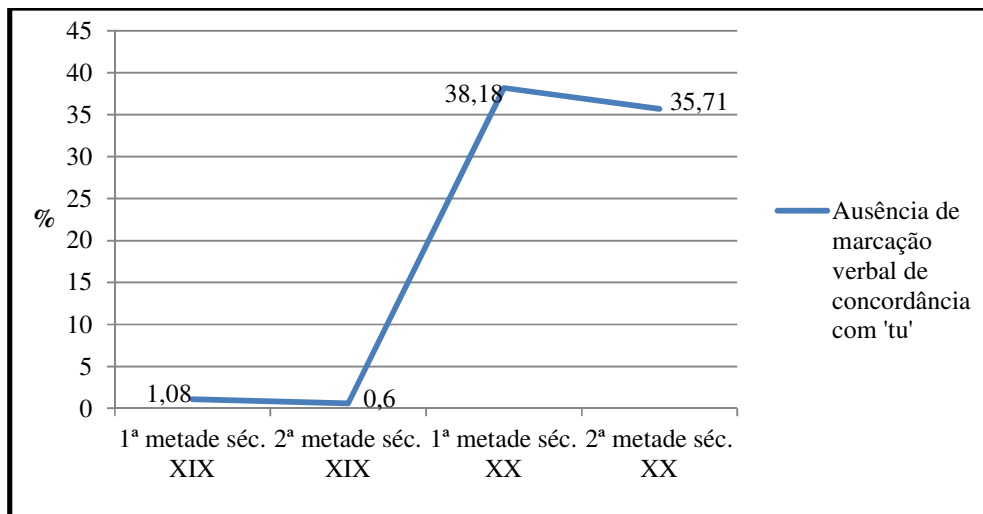
⁵ A amostra Monguilhott é composta por 32 entrevistas, sendo 16 delas coletadas em Florianópolis e outras 16 em Lisboa, Portugal. Os informantes dessa amostra estão distribuídos igualmente entre áreas mais urbanas e menos urbanas e são estratificados por escolaridade e faixa etária.

⁶ A amostra Floripa está em formação e é constituída por entrevistas realizadas em áreas menos urbanas de Florianópolis.

de marca em concordância canônica (*tu/Ø falas*, *tu/Ø falaste*), que totalizou 49 dados (6%), e concordância canônica modificada (*tu/Ø falasse*), que computou 63 ocorrências (8%).

Nunes de Souza (2011), em um estudo diacrônico acerca das formas de tratamento utilizadas em posição de sujeito em 12 peças teatrais de autores florianopolitanos entre os séculos XIX e XX, considerou a concordância verbal como um grupo de fatores. Os resultados obtidos pela autora podem ser visualizados no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1: Frequência em números percentuais de ausência de marcação verbal de concordância na relação com a segunda pessoa 'tu' em peças de teatro florianopolitanas



Fonte: Adaptado de NUNES de SOUZA, 2011, p.235

No início da curva, nota-se que a ausência de marca verbal de concordância apresenta índices baixíssimos; nesse momento histórico, a taxa de marcação verbal de concordância com *tu* na amostra analisada é quase categórica. A partir da segunda metade do século XIX, observa-se uma curva ascendente – nesse período, a ausência de marcação verbal passa a competir mais substancialmente com a variante rival (a presença de marca verbal) pela expressão da variável em questão. Por fim, percebe-se uma pequena queda na frequência de ausência de marcação, finalizando o contorno da curva em S. Cabe observar, ainda, que a autora verificou a ausência da marca de concordância verbal com o pronome *tu*, entre os dados do século XX, especialmente na fala de personagens estigmatizados socialmente, como assaltantes e presidiários.

Diante dos resultados expostos, algumas considerações podem ser sistematizadas acerca da realização da concordância verbal com o pronome *tu* na cidade de Florianópolis: (i) a marca de concordância verbal tende a ser usada com maior frequência em zonas menos urbanas do que em zonas mais urbanas; (ii) a presença da marca de concordância verbal mostra uma taxa decrescente, o que evidencia, por conseguinte, que a variante em que a marca está ausente tem sido empregada com maior frequência nas últimas décadas.

A constatação que nos interessa, neste momento, é a segunda. Para tentar explicar os índices decrescentes de marcação de concordância no verbo, formulamos a hipótese de uma

melhor avaliação – se não *positiva*, *neutra* – da variante sem marca, que objetivamos aferir através da aplicação de um teste de avaliação.

3 METODOLOGIA

Conforme já mencionado, elaboramos um teste de avaliação que pudesse apontar indícios de que a queda na frequência de marcação explícita da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis, relatada nos estudos previamente referidos (LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004; NUNES DE SOUZA, 2011; ROCHA, 2012; DAVET, 2013), estaria correlacionada à avaliação positiva ou neutra da variante *ausência de marca*.

Dessa forma, desenvolvemos um teste abarcando seis situações hipotéticas ambientadas na cidade de Florianópolis e vivenciadas por um personagem fictício chamado João⁷. Com a finalidade de que os sujeitos da pesquisa se identificassem com o personagem, João foi descrito como um estudante do curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – uma vez que o teste foi aplicado a uma turma da quarta fase desse curso. De forma mais específica, os participantes foram apresentados a situações nas quais João interagiu com seis outros personagens: um mendigo, seu advogado, um caixa de supermercado, seu professor, seu melhor amigo e seu pai.

A estratégia de situar um mesmo personagem em cenários distintos está diretamente relacionada a nosso objetivo principal: medir se a variante *ausência de marca de concordância* estaria sendo mais bem avaliada ou avaliada de forma neutra em Florianópolis. Caso tal hipótese fosse corroborada, esperaríamos que a não marcação da concordância fosse atribuída à fala de informantes que supostamente gozam de mais prestígio na escala social, a saber, o advogado e o professor universitário.

Com base em uma breve descrição de cada situação, os sujeitos foram questionados a respeito de quais sentenças eram esperadas naquele contexto. Em outros termos, balizados por aquilo que estão acostumados a ouvir – e não por aquilo que costumam falar –, os informantes foram solicitados a assinalar o que esperavam escutar dos personagens citados em cada uma das situações. Dentre as opções oferecidas (sete ou nove, dependendo da questão), os sujeitos foram instruídos a escolher uma ou duas alternativas. Tal estratégia foi empregada para que as respostas refletissem interações reais, em que os dados são genuinamente variáveis, e também contribuiu para evitar que os informantes buscassem identificar apenas uma única alternativa como “correta”. O Quadro 1, a seguir, reproduz a primeira das situações descritas no questionário.

⁷ O teste aplicado encontra-se anexo a este texto.

Quadro 1: Situação 1 do teste de avaliação aplicado

Situação 1 – João está andando na rua e é abordado por um mendigo, que pede uns trocados. Como se espera que o mendigo aborde João?

- () Tu tens um trocadinho pra me dar?
- () Você tem um trocadinho pra me dar?
- () Tens um trocadinho pra me dar?
- () Tu tem um trocadinho pra me dar?
- () Tem um trocadinho pra me dar?
- () Outra forma. Qual? _____
- () Não sei como me posicionar diante dessa questão.

Fonte: Autoras

A estrutura das sentenças oferecidas como alternativas foi, na medida do possível, mantida em todas as seis situações. Assim, primou-se para que a única diferença entre as respostas possíveis fosse a alternância das variantes, a fim de se evitar um viés analítico. Além disso, oferecemos aos estudantes a opção de sugerirem outras formas de resposta e de não responderem, caso não soubessem se posicionar em relação a determinado contexto. Tomamos essas medidas com o intento de evitar que os participantes marcassem uma alternativa sem de fato terem uma intuição a respeito de seu uso.

Em quatro das seis questões apresentadas no teste, as respostas oferecidas estavam todas no tempo presente (ver situações 1, 3, 4 e 6 no teste em anexo). Nos outros dois contextos, as respostas estavam todas no tempo pretérito perfeito (ver situações 2 e 5 no teste em anexo). As construções no tempo passado foram controladas no intuito de se verificar a avaliação dos informantes com relação à variante *concordância canônica modificada ou assimilada (tu/Ø falasse)*, que não ocorre no presente.

Os testes foram aplicados a 22 graduandos da quarta fase do curso de Economia da UFSC. Primeiramente, os alunos foram solicitados a preencher, no cabeçalho, informações relativas às suas características sociais, a saber: cidade de origem, cidade/bairro em que residem atualmente, cidade em que residiram a maior parte suas vidas e idade. Em seguida, receberam instruções das pesquisadoras a respeito de como responder ao teste. Por fim, os informantes preencheram um Termo de Consentimento Esclarecido⁸, o qual se encontra disponível no núcleo VARSUL (agência UFSC), autorizando o uso de seus dados.

Observamos, durante a elaboração e após a aplicação do teste, algumas limitações de nosso método. A primeira delas é que não exploramos todas as conjugações e tempos verbais, nem a diferença entre verbos regulares e irregulares. Além disso, ao longo das seis situações, somente três itens verbais foram utilizados (*ter, perder e poder*). Veja-se que dois desses verbos são modais, que todos os três pertencem à mesma conjugação (segunda) e que um deles é irregular. Assim, ressaltamos que estamos cientes da incomensurabilidade de um teste sobre

⁸ Em anexo, encontra-se o modelo de Termo de Consentimento Esclarecido preenchido pelos sujeitos desta pesquisa.

língua em uso que abarque todas as possíveis influências a que um participante está sujeito no momento de sua escolha e salientamos que, em virtude disso, optamos por estabelecer alguns parâmetros e descartar outros.

Notamos, também, após a aplicação do teste, que um número de informantes maior do que esperávamos não soube se posicionar a respeito da situação que envolvia João e seu advogado. É possível que essa dificuldade se deva à falta de naturalidade do cenário proposto, uma vez que não é comum que estudantes universitários consultem advogados com frequência. Com relação a esse mesmo contexto, observou-se que alguns participantes sugeriram outras respostas, geralmente sem utilizar a segunda pessoa do singular (*perdemos a causa*, por exemplo), o que sugere que as sentenças que propusemos não eram as mais adequadas para a situação em questão.

Por fim, um objetivo que tínhamos antes de aplicar o teste era medir a avaliação dos florianopolitanos em relação à concordância verbal de P2; entretanto, dos 22 informantes que preencheram o questionário, apenas seis eram naturais da Grande Florianópolis. No entanto, como o teste foi elaborado sobre as *expectativas* dos informantes – todos residentes na capital catarinense –, e não sobre sua própria fala, não vimos objeção ao aproveitamento de todos os testes aplicados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em um primeiro momento, realizamos uma análise global dos dados, considerando os questionários respondidos pelos 22 informantes. Foram computados, nessa primeira análise, 172 dados, tanto dos sujeitos que manifestaram variação em suas respostas – isto é, oscilaram suas escolhas entre a presença e a ausência de marca de concordância verbal – quanto dos que apresentaram categoricamente a marcação (100% de marcas toda vez que escolhiam alternativas com o pronome *tu*) ou a não marcação de concordância (0% de marcas toda vez que escolhiam alternativas com o pronome *tu*). Os resultados dessa primeira investigação encontram-se expressos no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2: Resultado geral da análise incluindo os 22 informantes

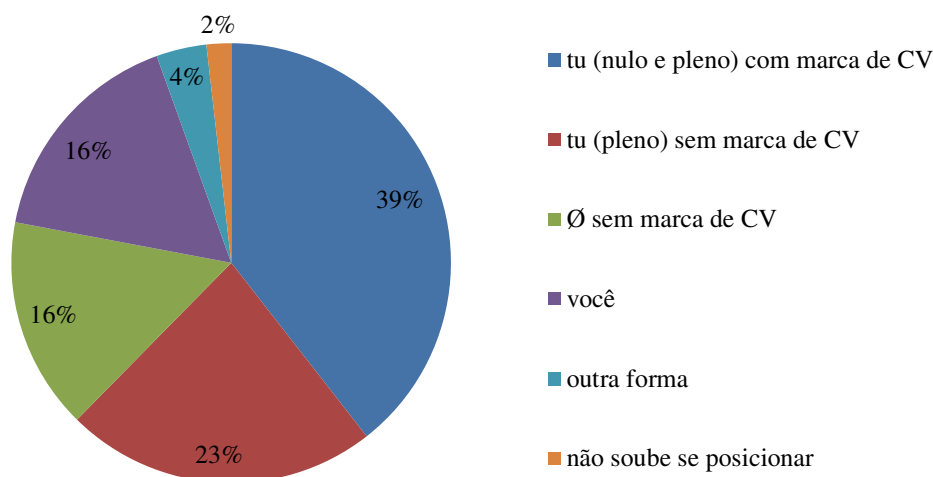


Fonte: Autoras

Conforme mostram os resultados apresentados no Gráfico 2, a marcação explícita da concordância verbal de segunda pessoa do singular (*tu/Ø tens, tu/Ø ganhaste/ganhasse*) foi assinalada pelos estudantes em 47% das respostas. A não marcação da concordância de P2 (*tu tem, tu ganhou*), por seu turno, foi verificada em menor grau, representando 17% do total de dados. No que diz respeito às demais alternativas, o não preenchimento do sujeito seguido de verbo sem marca de concordância (*Ø tem, Ø ganhou*) foi contabilizado em 13% das respostas, e o uso do pronome *você*, em 17%. A sugestão de outras formas e o não posicionamento em relação às questões, somados, foram verificados em apenas 5% dos dados.

Embora esses números já indiquem uma predileção pela variante marcada, tanto em oposição à variante não marcada quanto em oposição às demais opções de resposta, em virtude de nessa primeira análise constarem dados de informantes que não expressaram em suas respostas variação no que diz respeito à concordância verbal de P2, procedemos a uma segunda análise, excluindo os dados referentes aos participantes que apresentaram 100% ou 0% de marcação explícita de concordância nos questionários. Dessa forma, do total de 22 informantes que compunham a amostra inicial, 10 foram excluídos por conta de seu comportamento categórico – dois sujeitos por não terem assinalado, em nenhuma das seis situações, a presença da marca de concordância, e oito por não terem optado, em nenhum dos contextos, pela não marcação explícita da concordância. O Gráfico 3 ilustra os resultados dessa segunda análise.

Gráfico 3: Resultado geral da análise, excluídos os informantes categóricos



Fonte: Autoras

Do total de 109 dados relativos aos 12 informantes que apresentaram variação em suas respostas, observamos, de forma análoga ao que foi verificado na análise anterior, índice percentual referente a dados com marcação explícita de concordância verbal de P2 superior ao de

não marcação (39% e 23%, respectivamente). Com relação às demais alternativas, o não preenchimento do sujeito seguido de verbo sem marca de concordância foi verificado em 16% das respostas, bem como o pronome *você*. Por fim, a sugestão de outras formas e o não posicionamento em relação às situações computaram 4 % e 2% dos dados, respectivamente.

Além das opções que apresentavam o pronome *tu*, as demais alternativas foram oferecidas para que os sujeitos pudessem representar as situações com máxima fidelidade – como já apontado –, embora não nos interesse, neste momento, a variação entre os pronomes *tu* e *você* e, eventualmente, a variação de *tu* com outras formas possíveis sugeridas pelos participantes na opção “Outra forma. Qual?”. Partindo desse pressuposto, passamos a discutir os resultados referentes às seguintes variantes: *tu (nulo e pleno) com marca de concordância (canônica e canônica assimilada)*, *tu (nulo) com marca de concordância (canônica e canônica assimilada)* e *Ø sem marca de concordância*. Optamos por não excluir esta última variante por considerar que o pronome que está oculto pode ser um dado de *tu*.

Os resultados relativos à análise ternária encontram-se na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Resultados percentuais de concordância verbal com o pronome *tu* (variável ternária) dos testes aplicados

Variante	Apl/Total	Frequência
tu (nulo e pleno) com marca de CV	43/85	50,6%
tu (pleno) sem marca de CV	25/85	29,4%
Ø sem marca de CV	17/85	20%

Fonte: Autoras

Observando os números dispostos na Tabela 1, percebe-se, novamente, um índice superior de presença de marca de concordância (50,6%) em relação às demais alternativas de resposta (29,4% de *tu pleno sem marca de CV* e 20% de *Ø sem marca de CV*). Um segundo olhar revela outra possibilidade de interpretação dos percentuais apresentados: se considerarmos que todas as ocorrências de sujeito nulo sem marca de CV sejam de *tu* e se somarmos os números dessa variante aos da variante *tu (pleno) sem marca de CV*, obteremos uma equivalência entre os percentuais de presença de marca (50,6%) e de ausência de marca (49,4%).

Esse “empate técnico” entre a marcação e a não marcação de concordância verbal já é um indício da avaliação *neutra* da ausência de marca em Florianópolis, mas também aponta para a necessidade de uma investigação mais detalhada dos contextos em que cada uma das variantes foi preferida. Acreditamos que as respostas às situações que envolvem personagens representantes de classes de maior prestígio social (advogado e professor), confrontadas às respostas relativas aos contextos que apresentam personagens de suposto menor prestígio (mendigo e caixa do supermercado), possam atestar com maior segurança o estatuto – positivo, neutro ou negativo – das variantes em questão.

As situações envolvendo interações entre João e os personagens que teriam, supostamente, maior prestígio social têm seus resultados apresentados a seguir, na Tabela 2.

Tabela 2: Resultados percentuais de concordância verbal com o pronome *tu* (variável ternária) nas situações 2 (advogado) e 4 (professor) dos testes aplicados

Variante	Situação 2 (advogado)	Situação 4 (professor)	Total
tu (nulo e pleno) com marca de CV	6/10	6/12	12/22
	60%	50%	54,5%
tu (pleno) sem marca de CV	4/10	5/12	9/22
	40%	41,7%	40,9%
Ø sem marca de CV	0/10	1/12	1/22
	0%	8,3%	4,5%

Fonte: Autoras

Os números constantes na Tabela 2 evidenciam uma leve predileção pela variante com marca de concordância no total dos dados das situações 2 e 4 (54,5%, em média), observando-se uma maior preferência por essa forma na fala do advogado (60%) do que na fala do professor (50%). Ressalte-se, no entanto, que a variante não marcada apresenta números bastante altos em ambas as situações (40,9%, em média) – mesmo se desconsiderarmos a variante *Ø sem marca de CV* (que totaliza 4,5% das ocorrências), na qual não sabemos ao certo se o sujeito oculto é realmente um dado de *tu*. Tais resultados podem indicar que, mesmo na fala de personagens que representam sujeitos com maior grau de escolaridade e que, nos contextos apresentados, circulam em ambientes mais monitorados (escritório de advocacia e sala de aula), encontra-se um índice considerável da variante sem marca de concordância verbal. Novamente, temos indícios de uma avaliação ao menos *neutra* da ausência de marcação.

Na Tabela 3, a seguir, estão os resultados concernentes às situações envolvendo personagens que teriam, supostamente, menor prestígio social.

Tabela 3: Resultados percentuais de concordância verbal com o pronome *tu* (variável ternária) nas situações 1 (mendigo) e 3 (caixa do supermercado) dos testes aplicados

Variante	Situação 1 (mendigo)	Situação 3 (caixa do mercado)	Total
tu (nulo e pleno) com marca de CV	8/17	5/13	13/30
	47,1%	38,5%	43,3%
tu (pleno) sem marca de CV	2/17	2/13	4/30
	11,8%	15,4%	13,3%
Ø sem marca de CV	7/17	6/13	13/30
	41,2%	46,2%	43,3%

Fonte: Autoras

É possível notar, mais uma vez, a preferência pela variante marcada, mesmo na fala de personagens menos prestigiados (43,3%, em média). Chama a atenção, sobretudo, os percentuais relativos à situação 1, que envolve o mendigo (47,1%). Analogamente, merece destaque o baixo número de formas verbais sem marcação de concordância atribuídas à fala dos personagens menos escolarizados e, além disso, uma tendência acentuada ao uso da variante *Ø sem marca de CV* – tendência esta não verificada nos dados referentes aos contextos envolvendo o advogado e o professor.

Esses resultados não eram esperados, mas podemos aventar algumas hipóteses que os expliquem. A primeira delas é a de que as variantes gozam de avaliação semelhante: tanto a não concordância pode ser atribuída a um advogado ou a um professor, quanto a concordância pode ser associada a um mendigo ou a um caixa de supermercado. Já com relação às altas taxas da variante *Ø sem marca de CV*, pode-se supor: (i) que essa seja uma estratégia de polidez, utilizada especialmente entre estranhos, conforme já apontaram algumas autoras (COOK, 1994, 1997; LOREGIAN-PENKAL, 2004; NUNES DE SOUZA, 2011); e (ii) que essa seja uma tática utilizada em situações como as retratadas no teste aplicado, em que o personagem pede algo a um desconhecido (situação do mendigo) ou oferece algo a um desconhecido (situação do caixa do supermercado), ou seja, espera algo de seu interlocutor – diferentemente das situações em que o personagem informa algo a uma pessoa conhecida (situação do advogado) ou adverte algo a uma pessoa conhecida (situação do professor). Ressalte-se, ainda, que esses resultados corroboram aqueles encontrados por Ramos (1989), que, ao investigar a avaliação dos pronomes *tu* e *você* em Florianópolis por meio de testes de atitude, já apontava para uma grande preferência pela estratégia *Ø sem marca de CV* no tratamento de interlocutores estranhos ou não íntimos.

Como a concordância canônica (*tu/Ø falas*, *tu/Ø falaste*) não é a única possibilidade de marcação de concordância, optamos por, em duas das seis situações, controlar verbos no tempo pretérito perfeito, para que os informantes pudessem se posicionar também frente à marcação da concordância canônica assimilada (*tu/Ø falasse*). Os resultados referentes a essas duas situações, uma envolvendo o advogado e, outra, o melhor amigo de João, encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4: Resultados percentuais de concordância verbal com o pronome *tu* (variável quaternária), no tempo pretérito perfeito, nas situações 2 (advogado) e 5 (melhor amigo) dos testes aplicados

Variante	Situação 2 (advogado)	Situação 5 (melhor amigo)	Total
tu (nulo e pleno) com marca canônica de CV	3/10	0/19	3/29
	30%	0%	10,3%
tu (nulo e pleno) com marca canônica assimilada de CV	3/10	11/19	14/29
	30%	57,9%	48,3%
tu (pleno) sem marca de CV	4/10	6/19	10/29
	40%	31,6%	34,5%
Ø sem marca de concordância	0/10	2/19	2/29
	0%	10,5%	6,9%

Fonte: Autoras

Antes de darmos prosseguimento à leitura e à interpretação da Tabela 4, cabe destacar o baixo número de dados, 10 no total, relativos à situação 2, a qual envolvia João e seu advogado, em comparação aos 19 dados referentes à situação 5, na qual João interagiu com seu melhor amigo. Essa diferença em termos numéricos reflete, conforme já havíamos narrado na seção dedicada à exposição da metodologia adotada neste estudo, uma das limitações do questionário aplicado: os sujeitos da pesquisa demonstraram dificuldade para se posicionar com relação à interação envolvendo um advogado. Apesar disso, analisando o total das duas situações cujas respostas apresentavam verbos no tempo pretérito perfeito, é possível verificar que os informantes assinalaram majoritariamente as variantes *tu (nulo e pleno) com marca canônica assimilada de CV* (48,3%) e *tu (pleno) sem marca de CV* (34,5%).

No que tange à fala do advogado, embora não tenha havido nenhum registro da variante *Ø sem marca de concordância*, verificamos uma distribuição mais equilibrada das demais formas: as variantes *tu (nulo e pleno) com marca canônica de CV* e *tu (nulo e pleno) com marca canônica assimilada de CV* apresentaram, cada uma, taxas de 30%, e a variante *tu (pleno) sem marca de CV*, taxa de 40%. Apesar do número limitado de dados referentes a esse contexto, que incluía um personagem entendido por nós como sendo representante de uma classe de prestígio, constatou-se um índice superior de dados sem marcação explícita de concordância. Tal resultado vai ao encontro de nossa hipótese, de que a não marcação de concordância estaria adquirindo avaliação positiva ou neutra – visto que essa variante foi assinalada pelos sujeitos mesmo em interações envolvendo personagens de maior prestígio, que circulam em ambientes formais e monitorados.

Já com respeito à fala do melhor amigo de João, não computamos nenhum caso de *tu (nulo e pleno) com marca canônica de CV*, o que consideramos um reflexo da informalidade da situação proposta. No que se refere às demais formas, observa-se a prevalência da variante *tu (nulo e pleno) com marca canônica assimilada de CV* (57,9%), seguida da variante *tu (pleno) sem marca de CV* (31,6%), e, por fim, da variante *Ø sem marca de concordância* (10,5%).

Algumas considerações podem ser feitas com relação aos resultados referentes à situação envolvendo o melhor amigo de João. A primeira delas é relativa à marca de concordância assimilada como traço de identidade do florianopolitano – posição defendida por Davet (2013). É possível observar que, embora tenhamos nos preocupado em reforçar a ideia de que as situações propostas no teste se passavam todas em Florianópolis, através da inserção de elementos como o nome de uma festa popular entre universitários florianopolitanos (*Choppada da ESAG*) e o nome de um supermercado bastante frequentado por estudantes (*Comper*), entre outros, somente o personagem *melhor amigo de João* foi caracterizado explicitamente como sendo um florianopolitano (cf. teste em anexo), o que pode ter levado os sujeitos da pesquisa a assinalar majoritariamente a concordância assimilada.

Outra consideração importante a respeito da situação 5 proposta no teste é o contexto frasal – *Cara, _____ (perder) altas festa!* –, que exibe um vocativo coloquial e um sintagma com concordância duvidosa⁹, e que, aliado, ao contexto situacional, caracteriza o cenário como sendo possivelmente o mais informal dentre todos os apresentados no questionário. Essa poderia ser outra explicação possível para o predomínio da concordância canônica assimilada sobre as demais variantes nesse contexto.

Por fim, objetivando localizar o fenômeno que investigamos em sua relação com outros fenômenos variáveis (*Embedding problem*, cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1982, 1994, 2010), aproveitamos as possibilidades combinatórias oferecidas como respostas ao teste aplicado para correlacionar a ‘concordância verbal com o pronome *tu*’ ao ‘preenchimento do sujeito pronominal’. Os resultados referentes a tal correlação podem ser conferidos na Tabela 5.

Tabela 5: Correlação entre as variáveis ‘concordância verbal de P2’ e ‘preenchimento do sujeito pronominal *tu*’ nas respostas do teste aplicado

	Com marca de concordância		Sem marca de concordância	
Sujeito nulo	26/85	30,6%	17/85	20%
Sujeito pleno	17/85	20%	25/85	29,4%

Fonte: Autoras

Os números apresentados na tabela apontam para a mesma direção dos resultados obtidos por Menon e Loregian-Penkall (2002) e por Loregian-Penkall (2004), que já indicavam que a marca de concordância se combina em maior grau com sujeitos nulos, ao passo que a ausência de marca nos verbos se combina preferencialmente com sujeitos plenos. A hipótese aventada pelas autoras está relacionada à redundância de marcas: quando o pronome é explícito, não há

⁹ Dizemos que a concordância no sintagma “altas festa” é duvidosa porque há controvérsias com relação ao estatuto do vocábulo “altas”: se se trata de um adjetivo (nesse caso não fazendo concordância, portanto, com “festa”); ou se trata de um advérbio gramaticalizado na forma plural (não havendo, assim, necessidade de concordância com “festa”).

necessidade de se marcar no verbo a segunda pessoa. Esperamos, com esse cruzamento, ter contribuído também para a descrição do fenômeno variável do ‘preenchimento do sujeito pronominal’ e de sua relação com a concordância verbal na cidade de Florianópolis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, centrado na investigação de como estudantes moradores de Florianópolis avaliam o fenômeno variável da ‘concordância verbal com o pronome *tu*’ na cidade, sugere que: (i) a não marcação da concordância (*tu/Ø fala, tu/Ø falou*), outrora considerada estigmatizada (NUNES DE SOUZA, 2011), parece estar sendo avaliada de forma *neutra*, visto que dados de não marcação foram assinalados tanto na fala de personagens representantes de estratos sociais de menor prestígio quanto na fala de personagens de suposto maior prestígio; e (ii) a marcação da concordância, avaliada no passado como *positiva*, também foi apontada como uma variante considerada *neutra*, verificada na fala de sujeitos com menor e maior prestígio social.

Tais resultados, contudo, não são conclusivos. Não são poucas as dificuldades envolvidas na elaboração, na aplicação e na interpretação de testes de atitude, conforme já apontamos na seção relativa à metodologia. Há alguns vieses analíticos a serem considerados: o baixo número de florianopolitanos que responderam ao questionário, os informantes que optaram categoricamente por uma estratégia de resposta, a dificuldade apresentada pelos estudantes de se posicionarem frente ao cenário envolvendo um advogado, a presença de elementos muito informais na situação que incluía o melhor amigo, entre outros. Por esses motivos, julgamos necessárias a aplicação de outros testes de atitude e a contínua verificação da fala e da escrita propriamente em uso por informantes florianopolitanos, para que a concordância verbal com o pronome *tu* seja amplamente estudada e caracterizada da maneira mais fiel possível.

Apesar do caráter inconclusivo dos resultados apresentados, salientamos sua relevância para a descrição e a análise do fenômeno variável em questão e para as discussões acerca do problema empírico da avaliação, e mesmo do encaixamento, uma vez que buscamos mostrar a relação da concordância verbal de P2 com o preenchimento do sujeito pronominal. Da mesma forma, os números a que chegamos somam informações importantes acerca do estatuto da concordância canônica assimilada, que foi preferida na fala atribuída ao melhor amigo de João, personagem central do teste aplicado.

REFERÊNCIAS

- COOK, M. Formas de tratamento no português actual – Uma perspectiva sociolingüística. In: *ACIS*, Vil. 7, nº 2, Outono de 1994. p. 47-52.
- COOK, M. Uma teoria de interpretação das formas de tratamento na língua portuguesa. In: *Hispania*, Vol. 80, nº 3, Setembro de 1997. p. 451-464.
- DAVET, J. C. T. *Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- FURLAN, O. A. *Influência açoriana no português do Brasil de SC*. Florianópolis: EdUFSC, 1989.

- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Building on empirical foundations. In W.P. LEHMANN; Y. MALKIEL (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins , 1982.
- _____. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of linguistic change: Social factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.
- _____. *Principles of linguistic change: Cognitive and cultural factors*. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2010.
- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.
- MENON, O. P. S.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.
- NUNES de SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.
- ROCHA, P. G. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: W. LEHMANN; Y. MALKIEL (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

Data de submissão:21/05/2014

Data de aceite: 21/11/2014

ANEXOS

ANEXO 1: Teste de avaliação aplicado nesta pesquisa

Idade:

Cidade em que nasceu:

Cidade e bairro em que mora:

Cidade e bairro em que morou durante a maior parte de sua vida:

CONTEXTO:

João é um jovem estudante de economia na UFSC. As situações abaixo retratam momentos da vida de João na cidade de Florianópolis.

Com base nessas informações e nas instruções prévias oferecidas pelas pesquisadoras, **marque uma ou duas alternativa(s)** que melhor se adéqua(m) a cada uma das situações.

Situação 1 – João está andando na Rua Lauro Linhares e é abordado por um mendigo, que pede uns trocados. Como se espera que o mendigo aborde João?

- Tu tens um trocadinho pra me dar?
- Você tem um trocadinho pra me dar?
- Tens um trocadinho pra me dar?
- Tu tem um trocadinho pra me dar?
- Tem um trocadinho pra me dar?
- Outra forma. Qual? _____
- Não sei me posicionar em relação a esta situação.

Situação 2 – João é recebido por um advogado em um escritório no bairro Santa Mônica para tratar de uma pequena causa, que foi perdida. Como se espera que o advogado informe isso a João?

- Infelizmente, perdeu a causa.
- Infelizmente, tu perdeste a causa.
- Infelizmente, perdesse a causa.
- Infelizmente, tu perdeu a causa.
- Infelizmente, tu perdesse a causa.
- Infelizmente, perdeste a causa.
- Infelizmente, você perdeu a causa.
- Outra forma. Qual? _____
- Não sei me posicionar em relação a esta situação.

Situação 3 – João está passando suas compras no caixa do supermercado *Comper*. Como se espera que o atendente do

caixa pergunte a João se ele tem o cartão do estabelecimento?

- Você tem o cartão *Comper*?
- Tu tem o cartão *Comper*?
- Tem o cartão *Comper*?
- Tens o cartão *Comper*?
- Tu tens o cartão *Comper*?
- Outra forma. Qual? _____
- Não sei me posicionar em relação a esta situação.
- Não sei me posicionar em relação a esta situação.

Situação 4 – João deixa de entregar um trabalho de uma disciplina, e o professor dá a ele a chance de entregar o trabalho na aula seguinte. Como se espera que o professor da UFSC diga a João que ele tem um novo prazo?

- Tu deves entregar o trabalho na aula que vem.
- Você deve entregar o trabalho na aula que vem.
- Deves entregar o trabalho na aula que vem.
- Tu deve entregar o trabalho na aula que vem.
- Deve entregar o trabalho na semana que vem.
- Outra forma. Qual? _____
- Não sei me posicionar em relação a esta situação.

Situação 5 – João, no telefone com o seu melhor amigo florianopolitano, é avisado de que deixou passar a data do churrasco de confraternização dos colegas da turma do

Ensino Médio. Como se espera que o seu melhor amigo tenha dito a João que ele perdeu uma super festa?

- Cara, tu perdeu “altas festa”!
- Cara, perdesse “altas festa”!
- Cara, perdeu “altas festa”!
- Cara, você perdeu “altas festa”!
- Cara, perdeste “altas festa”!
- Cara, tu perdesse “altas festa”!
- Cara, tu perdeste “altas festa”!
- Outra forma. Qual? _____
- Não sei me posicionar em relação a esta situação.

Situação 6 – João quer ir na *Choppada da ESAG* e pede emprestado o carro de seu pai. O pai dele empresta, mas diz que o carro está sem gasolina. Como se espera que o pai de João avise a ele que é necessário colocar gasolina?

- Tu vais ter que botar gasolina, João.
- Vai ter que botar gasolina, João.
- Você vai ter que botar gasolina, João.
- Tu vai ter que botar gasolina, João.
- Vais ter que botar gasolina, João.
- Outra forma. Qual? _____
- Não sei me posicionar em relação a esta situação.

ANEXO 2: Modelo de Termo de Consentimento Esclarecido assinado pelos sujeitos desta pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLg)
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL (VARSUL)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, desta pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, se estiver de acordo, assine no final deste documento.

Projeto: Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL)

Pesquisadoras responsáveis: Christiane Maria Nunes de Souza e Raquel Gomes Chaves

Telefone para contato: (48) 3721 9908

E-mails para contato: souzacmn@gmail.com e quelgchaves@gmail.com

Orientadora: Izete Lehmkuhl Coelho

Telefone para contato: (48) 3721 3771

O objetivo desta pesquisa é verificar a avaliação de estudantes a respeito de alguns fenômenos linguísticos variáveis na cidade de Florianópolis.

A sua participação nesta pesquisa consiste em preencher um questionário, assinalando as alternativas que correspondam a sua expectativa em relação tais fenômenos.

No questionário aplicado, não consta sua identificação nominal. Ele será disponibilizado no núcleo VARSUL para pesquisas acadêmicas. Os procedimentos aplicados nesta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física ou mental. As informações obtidas através do questionário serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto, resguardando sempre sua identidade. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelos telefones acima citados.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará com as pesquisadoras e outra com você, o sujeito participante desta pesquisa.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO ALUNO COMO INFORMANTE

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito da pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido pelas pesquisadoras Christiane Maria Nunes de Souza e Raquel Gomes Chaves sobre a pesquisa e sobre os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: _____ Data ____/____/_____.

Assinatura do sujeito: _____